COLEÇÃO: *COLLAGE* DE CULTURAS – VOLUME III

ateliê internacional

CRUZANDO FRONTEIRAS & CONECTANDO TERRITÓRIOS

VI *Workshop* de Arquitetura FEM/EMBT e Arquitetura e Urbanismo UFN



ORGANIZADORA
Clarissa de Oliveira Pereira

editora UFN





COLEÇÃO: *COLLAGE* DE CULTURAS – VOLUME III

ateliê internacional

CRUZANDO FRONTEIRAS & CONECTANDO TERRITÓRIOS

VI *Workshop* de Arquitetura FEM/EMBT e Arquitetura e Urbanismo UFN

ORGANIZADORA
Clarissa de Oliveira Pereira

UNIVERSIDADE FRANCISCANA - UFN
SANTA MARIA | 2026

editora UFN

editora.ufn.edu.br

EDITORA UFN
Rua Silva Jardim, 1535
Prédio 7, Sala 305
Centro | Santa Maria, RS
97010-491 | (55) 3220.1203

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Fagner Millani
Lucio Pozzobon de Moraes

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Fagner Millani

REVISÃO ORTOGRÁFICA
Janette Mariano Godois

INTRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO
Fernanda Peron Gaspary

ORGANIZADORA
Clarissa de Oliveira Pereira

AUTORES DOCENTES
Adriano da Silva Falcão
Anelis Rolão Flôres
Clarissa de Oliveira Pereira
Cristian Vinicius Machado Fagundes
Cristopher Tapia Bolados
Fernanda Peron Gaspary
Liese Basso Vieira
Nil Corominas Faja

AUTORES DISCENTES
Alana Barcellos Nobre
Amanda Figueiredo dos Santos
Ana Carolina Berger Pires
Anna Laura da Rosa Gomes de Freitas
Antônia Aymone Ancinello
Antônia Risso Gonçalves do Nascimento
Arthur Canellas Marques
Arthur Rolim Bier
Ayana Vallejos Neme
Bruna Soares Farias
Carla Miranda de Pietro
Eduarda Beque Nicola
Flávia da Silveira Manganeli
Francielle Dahmer dos Santos
Jennifer Dias Vargas
João Pedro Machado da Silva
Júlia de Bastos Záchia
Lara Paiva da Silva Schmitz
Laura Gabriela Essi
Libia Medeiros Carnelosso
Lisiée Vilanova Nunes
Luiza Piemolini Mozzaquatro
Maiara Dornelles Dias
Manoela Corrêa Pereira
Maria Eduarda Alves Jaques
Mateus Belon Cogo
Pedro Chaves Tascheto
Tassia Gabrielly Salines Rodrigues

FOTOMONTAGENS
Clarissa de Oliveira Pereira
Discentes

IMAGEM DA CAPA
Fotomontagem elaborada por
Anna Laura da Rosa Gomes de Freitas e
Lara Paiva da Silva Schmitz

COMISSÃO EDITORIAL
Daniel Pereyron
Grazielle Bruscato Portella
Leia Miotto Bruscato
Patrícia de Freitas Nerbas
Roberto Osvaldo Gerhardt

A864 Ateliê Internacional : Cruzando Fronteiras e Conectando Territórios: VI Workshop de Arquitetura FEM/EMBT e Arquitetura e Urbanismo UFN / Organizadora Clarissa de Oliveira Pereira – Santa Maria, RS : Universidade Franciscana – UFN, 2026.
54 p. : il.

ISBN 978-65-5852-579-0 (impresso)
ISBN 978-65-5852-578-3 (online)

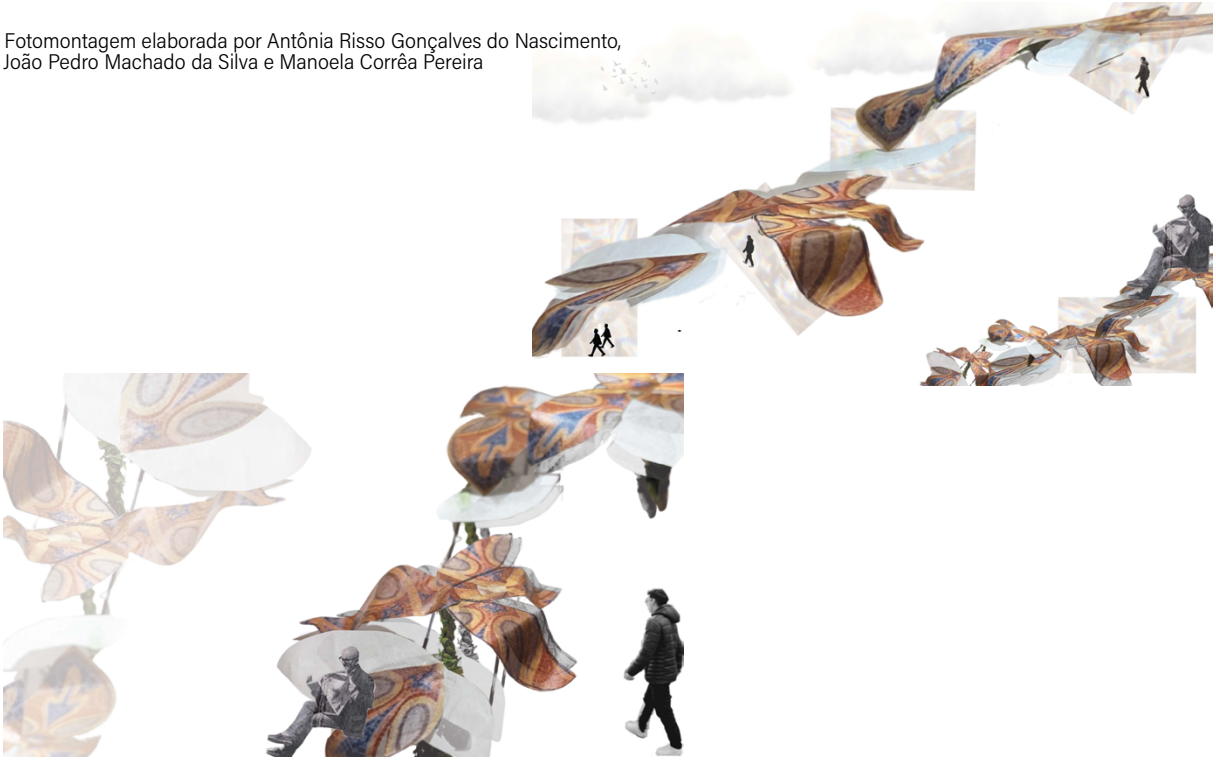
1. Arquitetura I. Pereira, Clarissa de Oliveira

CDU 72

Elaborada pela Bibliotecária Eunice de Olivera CRB/10 - 1491

NOTA: O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade do(s) autor(es), inclusive quanto às informações, opiniões, dados, sites, softwares, materiais complementares ou outras referências mencionadas. A Editora UFN não se responsabiliza por eventuais alterações, indisponibilidades, imprecisões ou pelo idioma de tais conteúdos externos. **MARCAS REGISTRADAS:** Todas as marcas, nomes comerciais ou logotipos mencionados nesta obra pertencem a seus respectivos titulares. A Editora UFN declara não possuir qualquer vínculo comercial com os produtos, serviços ou empresas eventualmente citados.

Fotomontagem elaborada por Antônia Risso Gonçalves do Nascimento,
João Pedro Machado da Silva e Manoela Corrêa Pereira



AGRADECIMENTOS

À Universidade Franciscana, por sempre apoiar e incentivar esta iniciativa, desde 2013.

À Fundació Enric Miralles e ao Estúdio Miralles Tagliabue, por nos receberem em sua casa e por compartilharem conosco tantos ensinamentos.

A todos os professores e professoras da UFN que, desde 2013, estiveram envolvidos na construção deste convênio e na consolidação do Ateliê Internacional.

E a todos os alunos e alunas que, ao longo desses anos, participaram dos ateliês e contribuíram para construir essa trajetória.

sumário

07
CRUZANDO FRONTEIRAS...
Clarissa de Oliveira Pereira

09
RE-FÚGIOS URBANOS - RECICLAR A CIDADE PARA VOLTAR A HABITÁ-LA
Cristopher Tapia Bolados

10
O LUGAR
Cristopher Tapia Bolados

11
ENTRELAÇAR
GRUPO 1: Arthur Canellas Marques, Lisiée Vilanova Nunes, Mateus Belon Cogo

12
TRENCADÍS
GRUPO 2: Antônia Aymone Ancinello, Eduarda Beque Nicola, Luiza Piemolini Mozzaquatro, Maria Eduarda Alves Jaques

13
ESTACIÓN DE LAS FLORES
GRUPO 3: Manoela Corrêa Pereira, Antônia Risso Gonçalves do Nascimento, João Pedro Machado da Silva

14
SONIDOS
GRUPO 4: Ana Carolina Berger Pires, Arthur Rolim Bier, Pedro Chaves Tascheto, Tassia Gabrielly Salines Rodrigues

16
ENTRECRUZAR; ENTRETECER (ENTRECOLLAR?)
Clarissa de Oliveira Pereira

21
PERCURSOS
Fernanda Peron Gaspary

22
INTRODUÇÃO AO ATELIÊ INTERNACIONAL
Adriano da Silva Falcão

23
SOMBRAS EFÊMERAS
Cristian Vinicius Machado Fagundes

24
CAMADAS DE MEMÓRIAS
GRUPO 1: Bruna Soares Farias, Jennifer Dias Vargas, Ayana Vallejos Neme

25
MOSAICO DE CORES
GRUPO 2: Amanda Figueiredo dos Santos, Carla Miranda de Pietro e Júlia de Bastos Záchia

26
ENTRONCAMENTOS CONTEMPORÂNEOS
GRUPO 3: Francielle Dahmer dos Santos, Alana Barcellos Nobre, Laura Gabriela Essi

28
NEXOS: CONEXÕES DA GARE
GRUPO 4: Flávia da Silveira Manganeli, Libia Medeiros Carnelosso e Maiara Dornelles Dias

29
TRAÇOS DO TEMPO
GRUPO 5: Anna Laura da Rosa Gomes de Freitas e Lara Paiva da Silva Schmitz

30
ENTRECRUZAR; ENTRETECER (ENTRETRILHAR?)
Clarissa de Oliveira Pereira, Cristian Vinicius Machado Fagundes, Liese Basso Vieira

32
RECICLAGEM
Cristopher Tapia Bolados

34
COLLAGES, CONVERSAS (E CURIOSIDADES)
Nil Corominas Faja

36
GAUDÍ E A IN (INTELIGÊNCIA NATURAL)
Clarissa de Oliveira Pereira

38
VISITA À CASA VICENS E À SAGRADA FAMÍLIA
(relatos de uma visitante insistente, fevereiro de 2026)

44
CONSTRUÇÃO COLETIVA
Adriano da Silva Falcão

46
O LUGAR DA GARE
Liese Basso Vieira

50
ANOTAÇÕES SOBRE O USO DA COLLAGE NA ARQUITETURA (SEM ÓCULOS)
Anelis Rolão Flôres

Ateliê Internacional:



Fotomontagem elaborada por Arthur Canellas, Lisiée Vilanova Nunes, Mateus Belon Cogo

Cruzando Fronteiras

Fotomontagem elaborada por Clarissa de Oliveira Pereira, Antônia Risso Gonçalves do Nascimento, João Pedro Machado da Silva e Manoela Corrêa Pereira



CRUZANDO FRONTEIRAS...

Clarissa de Oliveira Pereira (Tita)

O ano de 2026 tem sido bastante importante para o cenário da arquitetura na cidade de Barcelona. Por um lado, a cidade foi intitulada Capital Mundial da Arquitetura (UNESCO-UIA World Capital of Architecture), condição que se estende durante todo o ano de 2026. Barcelona também albergou o UIA World Congress of Architects Barcelona 2026, realizado entre o final de junho e princípios de julho.

Paralelo a isso, outra importante efeméride marca este ano: os 100 anos da morte do arquiteto Antoni Gaudí, no dia 10 de junho de 1926. A data passou a integrar uma ampla programação comemorativa relacionada à produção arquitetônica e à vida do arquiteto catalão, que deixou um legado exemplar para o panorama da arquitetura do século XX.

Junto a essas celebrações, a inauguração da Basílica da Sagrada Família também assumiu protagonismo ao longo deste ano.

Foi nesse contexto que se organizou e realizou o VI Workshop Internacional da Fundació Enric Miralles com o Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFN que teve início em 9 de fevereiro deste ano, totalizando 80 horas organizadas em duas semanas de trabalho. Esta foi também a segunda edição do Ateliê Internacional: Cruzando Fronteiras e Conectando Territórios.

Não poderia deixar de mencionar outro importante evento, também ocorrido no início de junho, no território da ETSAB-UPC, alma mater de Antoni Gaudí e Enric Miralles: o 24° Congresso Arquitectonics. Idealizado pelo catedrático emérito da Universitat Politècnica de Catalunya, professor Josep Muntañola, o congresso trouxe temas sensíveis relacionados à arquitetura como reflexo do meio ambiente histórico e social. Junto a seus colaboradores, Muntañola reuniu pesquisadores e extensionistas de distintas culturas e contextos que trouxeram diferentes temas relacionados a estas aproximações. Um dos temas tratados, que convém mencionar por estar diretamente relacionado ao programa do Ateliê Internacional, foi o lugar como refúgio. O congresso trouxe espaço para a discussão sobre refúgios climáticos, de autorregulação, de silêncio e tantos outros que poderíamos interpretar como pausas (ou interrupções) nesse cenário de tantos contrastes.

O Ateliê Internacional começa a partir do entendimento dos refúgios urbanos, como uma necessidade bastante discutida no contexto atual de Barcelona e para além destas fronteiras.



RE-FÚGIOS URBANOS RECICLAR A CIDADE PARA VOLTAR A HABITÁ-LA

Cristopher Tapia Bolados

Toda cidade é resultado das decisões que uma sociedade toma sobre aquilo que considera importante preservar e aquilo que está disposta a esquecer. Durante décadas, a arquitetura e o urbanismo construíram Barcelona como uma referência internacional em espaço público. No entanto, esse mesmo processo consolidou uma cidade na qual a infraestrutura, a mobilidade e a eficiência foram progressivamente deslocando a paisagem, o clima e o encontro cotidiano. Muitos espaços deixaram de ser cenários para a vida e passaram a se converter, simplesmente, em superfícies de passagem.

RE-FÚGIOS URBANOS surge dessa condição. Não como um exercício de projeto, mas como uma investigação sobre a capacidade da arquitetura de reconciliar cidade, natureza e cidadania por meio de uma intervenção mínima, temporária e específica. O verdadeiro objeto do workshop nunca foi o projeto de um pavilhão; foi questionar o que significa, hoje, oferecer refúgio dentro de uma cidade que vivencia simultaneamente a pressão do turismo, o aumento das temperaturas, a perda de conforto ambiental e uma crescente desconexão entre as pessoas e os espaços públicos que habitam.



O LUGAR

Cristopher Tapia Bolados

A Plaça dels Països Catalans, em frente à Estação de Sants, constitui o cenário onde essas tensões se tornam visíveis. Projetada por Albert Viaplana e Helio Piñón como um dos manifestos urbanos mais representativos da Barcelona democrática, a praça sintetiza uma forma de compreender o espaço público baseada na abstração, na permanência e na monumentalidade do plano horizontal. Quatro décadas depois, aquela radicalidade arquitetônica adquire uma leitura diferente. A praça continua sendo uma obra de extraordinário valor cultural, mas também evidencia algumas das contradições mais urgentes da cidade contemporânea: a intensificação do efeito de ilha de calor, a reduzida presença da natureza, a fragmentação do tecido urbano e a dificuldade de acolher a diversidade de ritmos e formas de habitar que convergem diariamente em um dos principais nós de mobilidade de Barcelona.

Diante dessa realidade, o workshop propõe uma estratégia de reciclagem urbana. Reciclar não significa substituir a cidade existente, mas reinterpretar sua capacidade de produzir novas relações. O pavilhão deixa de ser entendido como um objeto arquitetônico autônomo para se converter em uma infraestrutura branda, um dispositivo capaz de modificar temporariamente a experiência do lugar por meio de sombra, descanso, orientação, informação e encontro. A intervenção não pretende competir com a praça nem impor uma nova centralidade; busca ativar possibilidades latentes, revelando que mesmo os espaços mais rígidos conservam um potencial de transformação.

Fotomontagem elaborada por Antônia Risso Gonçalves do Nascimento, João Pedro Machado da Silva e Manoela Corrêa Pereira







ENTRELAÇAR

GRUPO 1: Arthur Canellas Marques,
Lisiée Vilanova Nunes, Mateus Belon Cogo

O projeto parte da percepção da praça como um espaço rígido, pouco acolhedor e utilizado principalmente como área de passagem, sem incentivar a permanência ou o uso prolongado. A proposta busca transformá-la em um ambiente mais humano, ativo e integrado à cidade, estruturando-se em quatro pilares fundamentais: inserção da natureza, criação de espaços de pausa e convivência, adaptação ao clima local e respeito aos fluxos pré-existentes. A análise revelou que, embora diversas vias convergem para a praça, os pedestres evitam atravessá-la, optando por caminhos mais longos e periféricos. Esse comportamento orientou as decisões iniciais, levando à adoção dos fluxos como elemento central do projeto, compreendidos não apenas como circulação, mas como estruturadores do espaço. Em um primeiro momento, utilizou-se o traçado ortogonal do Eixample como referência, com o objetivo de reforçar a conexão com o tecido urbano de Barcelona. No entanto, ao reconhecer a rigidez dessa lógica, optou-se por sua desconstrução, buscando uma linguagem mais fluida, orgânica e convidativa, capaz de estimular o uso e a permanência. Inspirado na abordagem do escritório EMBT, que valoriza identidade, sensibilidade e conexão com o contexto, o processo projetual incluiu maquetes e estudos formais que deram origem a três direções principais: fluxos, geometria e tramas, exploradas de forma complementar. A proposta final sintetiza essas estratégias no conceito "Entrelaços Urbanos", integrando cidade, praça e usuários por meio do entrelaçamento de caminhos, espaços e experiências, promovendo permanência, dinamismo, pertencimento, diversidade de usos e maior qualidade ambiental, inclusão social e vitalidade urbana contínua.



TRENCADÍS

GRUPO 2: Antônia Aymone Ancinello, Eduarda Beque Nicola,
Luiza Piemolini Mozzaquatro, Maria Eduarda Alves Jaques

Barcelona é cor, é emoção, é vitalidade, é Gaudí.

E é exatamente isso que todos esperam ao embarcar para Barcelona. Mas, ao sair da estação de Sants, a praça, que funciona como porta de entrada da cidade, não possui nada disso, em vez de anunciar a cidade, parece negá-la, criando um contraste imediato entre a expectativa e a experiência real.

Nosso projeto tem como objetivo trazer vida e o que se espera de Barcelona para a praça, resgatando sua identidade e transformando o espaço em um verdadeiro convite à cidade.

Para isso, utilizamos os trencadís, recurso bastante usado por Antoni Gaudí.

O trencadís consiste em revestir superfícies planas e curvas com fragmentos irregulares de azulejos, cerâmicas, vidros ou mármore, geralmente provenientes de peças quebradas ou descartadas. A palavra vem do verbo catalão "trencar", que significa quebrar.

As peças fragmentadas formam uma cobertura que aumentando sua escala e criando uma cobertura que se espalha para além da praça. O pavilhão tem o objetivo de unir o cruzamento, acolher quem chega da estação, incorporar cor, textura e vitalidade ao espaço.



ESTACIÓN DE LAS FLORES

GRUPO 3: Manoela Corrêa Pereira, Antônia Risso Gonçalves do Nascimento, João Pedro Machado da Silva

A colagem foi construída como um processo aberto de investigação, sem que houvesse, desde o início, a intenção de representar a natureza. Partimos de um espaço percebido como seco, rígido e pouco vivo e, aos poucos, acrescentamos imagens, recortes, cores, edifícios, pessoas e diferentes texturas. Cada novo elemento modificava a leitura do conjunto e indicava outras possibilidades para a composição.

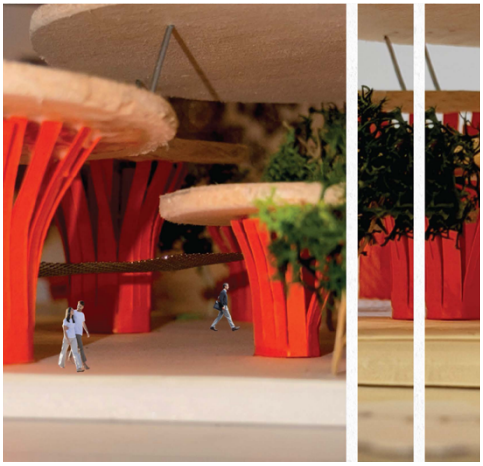
Foi durante esse desenvolvimento que percebemos a ausência da natureza naquele lugar. A presença de flores e folhas começou a surgir como resposta ao contraste com as superfícies urbanas e com a predominância da arquitetura. Assim, a natureza não apareceu como ponto de partida, mas como uma descoberta feita ao longo da montagem, a partir das relações criadas entre os fragmentos.

Nesse percurso, identificamos também um elemento que se repetia e ganhava força visual: a pétala. Sua forma surgiu da observação de padrões presentes nos pisos de Barcelona, associados ao contexto estudado durante o curso. Ao ser recortada, dobrada e sobreposta, essa forma deixou de ser apenas um detalhe gráfico e passou a compor flores tridimensionais, criando volume, sombra e movimento sobre a superfície da colagem.

A pétala tornou-se o principal resultado da investigação e uma possibilidade de aplicação arquitetônica. Repetida em diferentes escalas e combinações, ela poderia formar revestimentos, módulos, mobiliário ou elementos de sombreamento.

SONIDOS

GRUPO 4: Ana Carolina Berger Pires, Arthur Rolim Bier,
Pedro Chaves Tascheto, Tassia Gabrielly Salines Rodrigues





O projeto "Sonidos" desenvolvido para a Plaça de Sants, em Barcelona, durante o workshop realizado na Fundação Enric Miralles em fevereiro de 2026, partiu da percepção da praça como um espaço marcado pelo intenso fluxo urbano e pela constante presença dos sons da cidade. A proximidade com a estação transforma o local em um ponto de passagem dinâmica, onde diferentes ritmos, movimentos e ruídos se sobrepõem diariamente. A partir dessa leitura sensível do espaço, o conceito do projeto buscou traduzir visualmente a propagação sonora e a energia urbana presentes na praça.

As formas propostas foram inspiradas nas ondas de propagação do som, criando percursos e elementos que remetem ao movimento contínuo e à transmissão sonora no ambiente urbano. As linhas curvas e orgânicas representam os fluxos das pessoas, os encontros e a vibração da cidade, estabelecendo uma relação entre espaço, movimento e experiência sensorial. Dessa forma, o projeto não foi pensado apenas como uma reorganização física da praça, mas como uma interpretação das atmosferas e sensações percebidas no local.

O desenvolvimento da proposta utilizou o método da colagem como principal ferramenta de experimentação e concepção, inspirado na metodologia projetual do escritório EMBT. A sobreposição de imagens, texturas, cores e traçados permitiu explorar diferentes possibilidades formais e espaciais, valorizando o processo criativo como construção de narrativas urbanas. Além disso, a proposta incorporou vegetação, novos espaços de permanência e percursos mais fluidos, buscando transformar a Plaça de Sants em um ambiente mais acolhedor, dinâmico e conectado à experiência cotidiana das pessoas.





Durante o workshop, o processo de desenvolvimento aconteceu de forma intensa e colaborativa, permitindo trocas constantes entre os participantes e os orientadores da Fundação Enric Miralles. A experiência de trabalhar diretamente em Barcelona, observando o cotidiano da praça e compreendendo suas dinâmicas urbanas, tornou o projeto mais sensível às relações entre arquitetura, cidade e vivência humana. O contato com a metodologia do EMBT também ampliou nossa percepção sobre o processo criativo, mostrando a importância da experimentação, da representação artística e da leitura afetiva do espaço como parte fundamental da construção de um projeto.

Como conclusão, a experiência na Fundação Enric Miralles foi extremamente enriquecedora tanto no âmbito acadêmico quanto pessoal. O workshop possibilitou não apenas o desenvolvimento de uma proposta urbana, mas também uma reflexão sobre a maneira como percebemos e interpretamos a cidade. O projeto "Sonidos" buscou transformar os ruídos, movimentos e fluxos da Plaça de Sants em uma linguagem espacial sensível e dinâmica, reforçando a ideia de que a arquitetura pode traduzir experiências e sensações do cotidiano urbano. Além disso, a vivência internacional e o trabalho em equipe contribuíram significativamente para nossa formação, ampliando repertórios e incentivando novas formas de pensar o espaço urbano e suas possibilidades de intervenção.

ENTRECRUZAR; ENTRETECER (ENTRECOLLAR?)

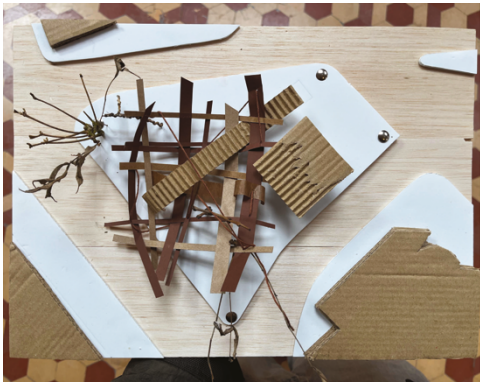
Clarissa de Oliveira Pereira (Tita)

As duas semanas de ateliê foram bem entrelaçadas entre momentos de conferências, visitas in loco e assessoramentos com os docentes da Fundació Enric Miralles e do Estúdio Miralles Tagliabue.

Como de costume, as primeiras aproximações acontecem no próprio lugar de trabalho. Adentrar o estúdio Miralles Tagliabue e reconhecer, na prática projetual, os procedimentos que caracterizam sua forma de trabalhar constitui um primeiro passo para compreender a collage não apenas como técnica de representação, mas também como instrumento de investigação, experimentação e desenvolvimento do projeto.

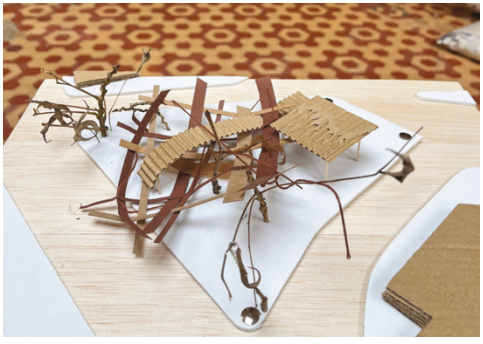
O workshop começa com uma das conferências mais fundamentais para o entendimento da collage: "El collage como herramienta de diseño", do arquiteto e professor Salvador Gilabert. Nela, Gilabert expõe, de forma bastante sensível, sua compreensão sobre o universo de Enric Miralles, bem registrada em sua tese de doutorado, Enric Miralles. El dibujo de la imaginación. Outra conferência também ministrada no início do workshop foi "Ephemeral Architecture as Ecological Frameworks", do estúdio TAKK Architects. A apresentação auxiliou na compreensão do programa de necessidades proposto, a partir da perspectiva da arquitetura efêmera. A aula apresentou trabalhos realizados pelo estúdio em diferentes contextos, explorando também diferentes significados e possibilidades de refúgio.

A conferência da arquiteta Nazaret Busto, também do estúdio EMBT, apresentou a produção do escritório desde as primeiras collages até os resultados finais dos projetos, evidenciando, sobretudo, a aplicação desta técnica nas diferentes escalas de projeto desenvolvidas pelo estúdio.





Fotomontagem elaborada por Arthur Canellas, Lisiée Vilanova Nunes, Mateus Belon Cogo



A conferência mais esperada aconteceu na segunda semana de trabalho. A arquiteta Benedetta Tagliabue apresentou obras do passado e trabalhos recentes, tecendo uma linha do tempo que demonstra como as técnicas criativas desenvolvidas no estúdio desde sua fundação até a atualidade, garantem a originalidade de sua forma de projetar e, ao mesmo tempo, acompanham as mudanças de paradigma e as transformações tecnológicas ocorridas ao longo dos 32 anos de atuação do escritório.

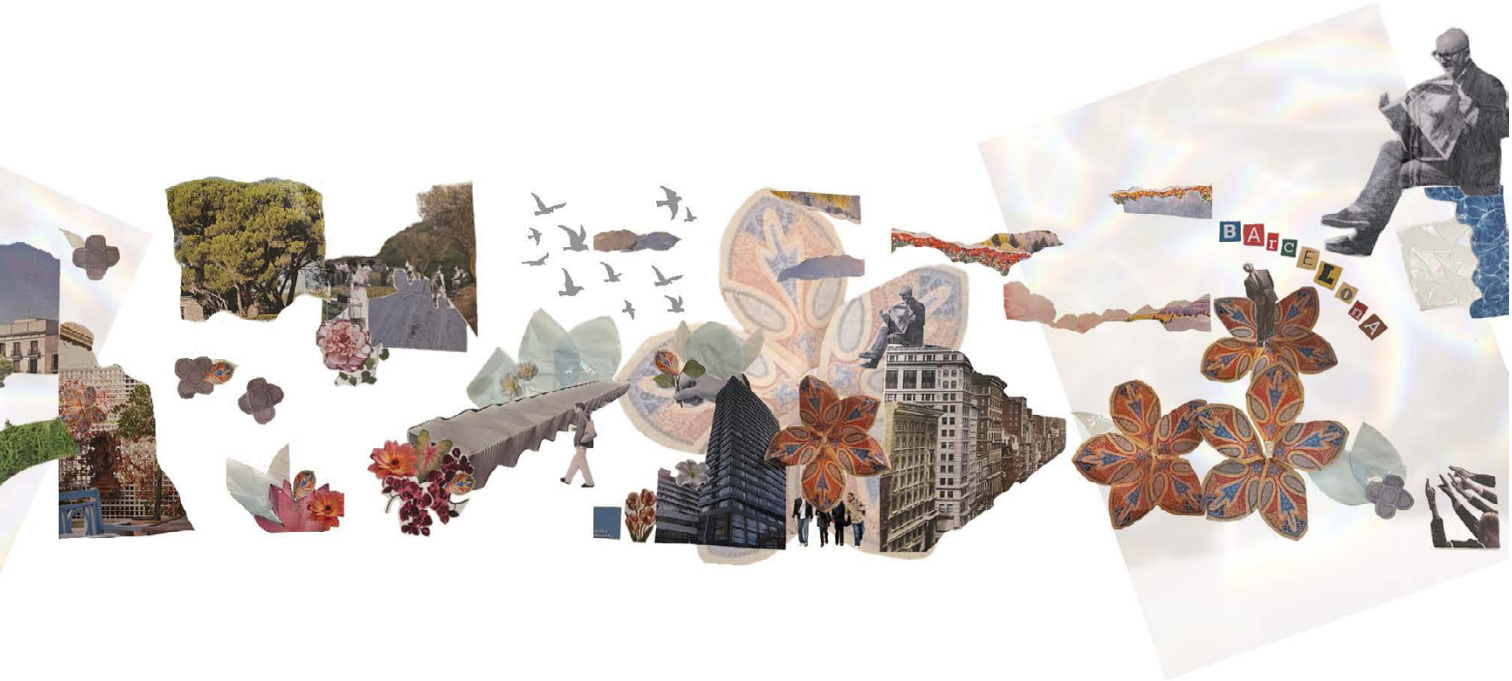
Além das conferências, as visitas in loco foram distribuídas ao longo das duas semanas, acompanhando o desenvolvimento do projeto. Os arquitetos do estúdio, Valentina Norris e Nil Corominas, conduziram as visitas ao Centro Kálida e ao Mercat de Santa Caterina e a casa da família Miralles Tagliabue, projetos estudados durante as conferências do workshop.

As visitas sobre as obras de Gaudí sem dúvida tiveram um especial significado: a Casa Vicens e a basílica da Sagrada Família terão uma aproximação maior neste relato pela excepcional singularidade.

Outro passeio que convém mencionar foi a saída de bicicleta desde a Passatge de la Pau até o Poblenou, guiada por Cris Tapia, arquiteto da Fundació Enric Miralles. O objetivo inicial era visitar mais uma obra do estúdio, o Parc de Diagonal Mar e os entornos do antigo bairro industrial de Barcelona intervindo pelo projeto 22@. No entanto, o percurso acabou revelando também aspectos importantes do sistema de mobilidade de Barcelona, especialmente no que se refere à convivência entre diferentes modos de deslocamento e à busca por soluções urbanas mais sustentáveis.

As apresentações finais foram realizadas na tarde de 20 de fevereiro de 2026, na sede da Fundació Enric Miralles, com a presença de arquitetos do estúdio EMBT e de sua fundadora, Benedetta Tagliabue. Os quatro grupos de trabalho apresentaram propostas ímpares, mostrando que, mesmo a partir de uma metodologia tão consolidada pelo estúdio, o olhar sobre o lugar por meio da collage e, consequentemente, as respostas projetuais podem assumir caminhos bastante distintos e originais.


STOP
ALL WAY



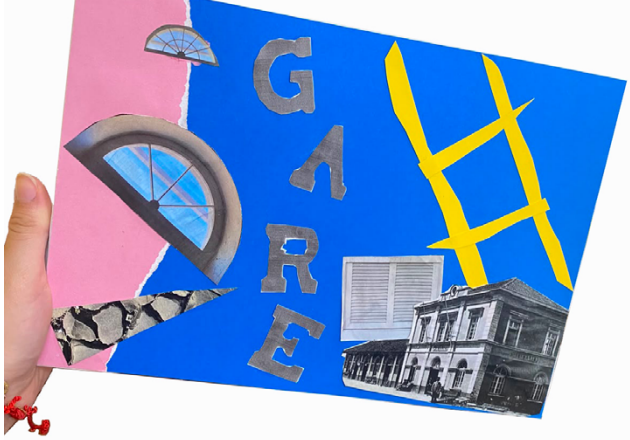
Fotomontagem elaborada por Antônia Risso Gonçalves do Nascimento, João Pedro Machado da Silva e Manoela Corrêa Pereira

Ateliê Internacional:



Fotomontagem elaborada por Anna Laura da Rosa Gomes de Freitas e Lara Paiva da Silva Schmitz

Conectando Territórios



Fotomontagem elaborada por Alana Barcellos Nobre, Francielle Dahmer dos Santos, Laura Gabriela Essi

PERCURSOS

Fernanda Peron Gaspary

A colagem, no campo da arquitetura e do urbanismo, revela-se como um instrumento potente de reflexão e criação. Ao articular fragmentos, sobrepor camadas e tensionar diferentes referências, ela nos convida a compreender o projeto como um processo aberto, investigativo e sensível. Como apontam autores como Jennifer A. E. Shields e Marshall Brown, trata-se de uma forma de pensamento que amplia o repertório do arquiteto, operando simultaneamente como ferramenta analítica e linguagem projetual, capaz de questionar formas estabelecidas e expandir possibilidades.

É nesse contexto que se insere esta publicação, resultado de uma experiência internacional realizada em Barcelona, em parceria com o EMBT, escritório de reconhecida relevância no cenário contemporâneo, fundado por Enric Miralles e Benedetta Tagliabue. A aproximação entre o curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Franciscana e o EMBT reafirma o compromisso institucional com uma formação conectada às práticas mais instigantes da arquitetura atual.

Durante o período de intercâmbio, os estudantes participaram de um workshop que proporcionou o contato direto com metodologias contemporâneas de projeto, dinâmicas colaborativas e processos criativos fundamentados no uso da colagem. Essa imersão permitiu não apenas o desenvolvimento de habilidades técnicas, mas também o exercício do pensamento crítico e da autonomia intelectual.

Ao mesmo tempo, a vivência na cidade de Barcelona, com sua reconhecida qualidade urbana, riqueza arquitetônica e relação entre história e contemporaneidade, ampliou de forma significativa o repertório dos estudantes. Este livro reúne, além dos resultados desse percurso, a potência de uma experiência que transforma o olhar, articula saberes e reafirma o papel da universidade na formação de arquitetos sensíveis, críticos e comprometidos com o seu tempo. Não por acaso, sua forma também expressa esse pensamento: concebido como um leporello, desdobra-se como um leque contínuo de imagens e narrativas, convidando o leitor a um percurso livre e não linear. Como a colagem, como o pensamento em movimento.

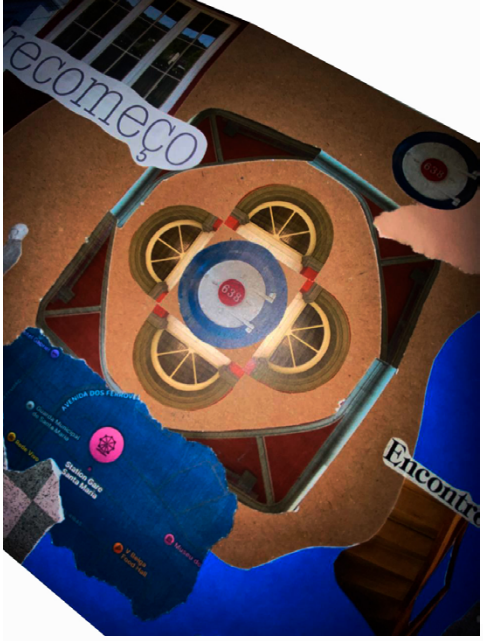
INTRODUÇÃO AO ATELIÊ INTERNACIONAL

Adriano da Silva Falcão

A realização do Ateliê Internacional: Conectando Territórios, nos primeiros semestres de 2024 e de 2026, representou, em minha experiência como professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Franciscana, uma oportunidade singular de aproximar estudantes, instituições e diferentes realidades urbanas. Nas duas edições, desenvolvidas como disciplinas concentradas durante as primeiras semanas de cada semestre, acompanhamos as turmas que permaneceram em Santa Maria, enquanto outros grupos de acadêmicos participavam presencialmente de workshops promovidos pela Fundació Enric Miralles (EMBT), em Barcelona, na Espanha.

Desde a primeira experiência, nosso principal desafio foi construir uma proposta efetivamente compartilhada, que não se limitasse à transmissão remota das atividades realizadas no exterior. Buscamos fazer com que os estudantes da UFN se reconhecessem como participantes de um mesmo processo de aprendizagem, desenvolvendo temáticas, métodos e procedimentos articulados, mas relacionados às condições culturais, urbanas e materiais dos territórios trabalhados em cada edição.

Os Ateliês foram estruturados como percursos de aproximação, leitura, experimentação e projeto, organizados em quatro etapas complementares: aproximação à instituição parceira (Meeting), leitura do lugar (Mapping), oficina de criatividade (Braiding) e prática de projeto (Playing). Essa estrutura comum possibilitou conectar as experiências realizadas em Santa Maria e Barcelona sem eliminar as particularidades dos contextos e dos objetos de investigação de cada edição.





Fotomontagem elaborada por Amanda Figueiredo dos Santos, Carla Miranda de Pietro e Júlia de Bastos Záchia



Fotomontagem elaborada por
Flávia da Silveira Manganeli,
Libia Medeiros Carnelosso e
Maiara Dornelles Dias

SOMBRAS EFÊMERAS

Cristian Vinicius Machado Fagundes

Programa de necessidades para a Gare

O programa de necessidades desenvolvido na disciplina Ateliê Internacional: Conectando Territórios teve como objetivo orientar a criação de uma estrutura efêmera de sombreamento para a Gare da Viação Férrea de Santa Maria. A proposta partiu do reconhecimento da importância histórica e urbana do conjunto ferroviário e de seu potencial para acolher atividades culturais, acadêmicas e comunitárias.

Como referência para o dimensionamento e a definição dos usos, foram considerados três eventos realizados na cidade: o Festival do Xis, o Santa Maria Summit e a Calourada. Por reunirem públicos numerosos e apresentarem diferentes formas de ocupação do espaço, esses eventos permitiram pensar em uma estrutura flexível, capaz de oferecer sombra, permanência, encontro e apoio às atividades temporárias. Além da cobertura, as propostas deveriam considerar circulação, acessibilidade e áreas de convivência.

Os estudantes puderam escolher o ponto de implantação ao longo da Gare, considerando as características de cada trecho, os fluxos existentes, a relação com as edificações históricas e as possibilidades de apropriação dos espaços abertos. Essa escolha exigiu uma leitura do lugar, realizada por meio de visitas, registros fotográficos, desenhos e experimentações com collage.

Como diretriz material, definiu-se o uso de estruturas metálicas, estabelecendo uma relação com os elementos construtivos presentes na estação ferroviária. Mais do que reproduzir sua linguagem, buscou-se reinterpretar a memória industrial da Gare em soluções contemporâneas, leves e reversíveis. Assim, o programa de necessidades possibilitou a integração dos aspectos de função, identidade patrimonial e experimentação formal no âmbito do projeto arquitetônico, de modo a incentivar propostas ao contexto e às formas de ocupação coletiva.



CAMADAS DE MEMÓRIAS

GRUPO 1: Bruna Soares Farias, Jennifer Dias Vargas,
Ayana Vallejos Neme

A Gare de Santa Maria, marcada pela presença da ferrovia e por sua importância histórica na formação da cidade, constitui um espaço onde memória, materialidade e paisagem se encontram. Antigo ponto de conexão e circulação, o local carrega diferentes camadas de significado, que permanecem presentes tanto em sua arquitetura quanto em seu entorno. O conceito desenvolvido para o projeto nasce da interpretação sensível de cada integrante do grupo durante a visita ao local, reunindo diferentes olhares em uma leitura complementar do espaço. A primeira integrante direcionou sua percepção aos aspectos históricos, reconhecendo as camadas de memória presentes no ambiente. A segunda voltou-se às texturas e materialidades existentes, observando como estas influenciam a experiência sensorial do lugar, percepção que, durante a apresentação, revelou o potencial do elemento sanfonado como solução formal e funcional para a cobertura do espaço projetado. A terceira integrante concentrou sua análise na presença marcante da ferrovia, entendida como elemento estruturador da paisagem e da dinâmica urbana. A partir dessas leituras individuais, foi elaborada uma síntese coletiva, materializada em uma página conjunta que reúne e articula as diferentes análises. Assim, o projeto transforma memória, materialidade e ferrovia em uma linguagem única, na qual a cobertura sanfonada articula forma, movimento e permanência. A proposta estabelece um diálogo entre o passado e o presente, reinterpretando elementos do lugar e criando novas possibilidades de uso, encontro e permanência.





MOSAICO DE CORES

GRUPO 2: Amanda Figueiredo dos Santos, Carla Miranda de Pietro e Júlia de Bastos Záchia

O trabalho desenvolvido pelo nosso grupo em Ateliê Internacional começa sendo contextualizado no método adotado pelo arquiteto Enric Miralles, em que o projeto não se encontra como uma fórmula que obtém como resultado a edificação, mas um processo que coleta informações culturais, espaciais e emocionais de um lugar, onde a partir disso se desenvolve o projeto.

No processo de composição da colagem para o leporello, consideramos os elementos recorrentes na Gare - local onde seria implantada a cobertura, e fizemos montagens que mais tarde se transformaram na cobertura central da estação, um mosaico de cores, que ao passar do dia, com o movimento do sol, seria projetado no chão uma união de cores e formas que remetem ao contexto do local, a Vila Belga. A estrutura é dividida em 5 pontos que representam as regiões ferroviárias do Rio Grande do Sul, a central, é Santa Maria, e as demais que orbitam o município recebem uma estrutura diferente, planejada para ser de madeira e ferro, ela traz a memória dos trilhos e das rodas do trem, e possui uma tipografia feita especialmente para este projeto, em que a palavra "GARE" é formada ao ser observada de cima.

Por fim, obtemos uma experiência muito rica em estudar mais sobre processo criativo, e findamos o projeto com um resultado cheio de cor e propósito.



ENTRONCAMENTOS CONTEMPORÂNEOS

GRUPO 3: Francielle Dahmer dos Santos, Alana Barcellos Nobre, Laura Gabriela Essi

A estação da Gare, como antigo entroncamento ferroviário do estado, não apenas conectava cidades, mas estruturava dinâmicas econômicas, culturais e urbanas, moldando a malha de Santa Maria/RS. Assim o projeto nasce da leitura sensível de um território profundamente marcado pela memória dos fluxos.

Em primeiro momento, utilizou-se da técnica de collage como instrumento de investigação, sobre mapas da cidade de Santa Maria/RS, identificamos a persistência da ideia de "caminhos que se cruzam" em múltiplas escalas: na cidade, onde os trilhos desativados da Gare demarcam regiões na malha urbana (Macro); no bairro, entre os caminhos de pedestres que convergem e dão acesso à Gare (Meso); e na escala do chão, onde o desenho dos paralelepípedos revela, de forma sutil, tramas que se encontram e se afastam (Micro); Os entroncamentos ferroviários da Gare, agora aparecem transformados em caminhos da malha urbana, que se cruzam e continuam a estruturar a experiência do território da cidade.



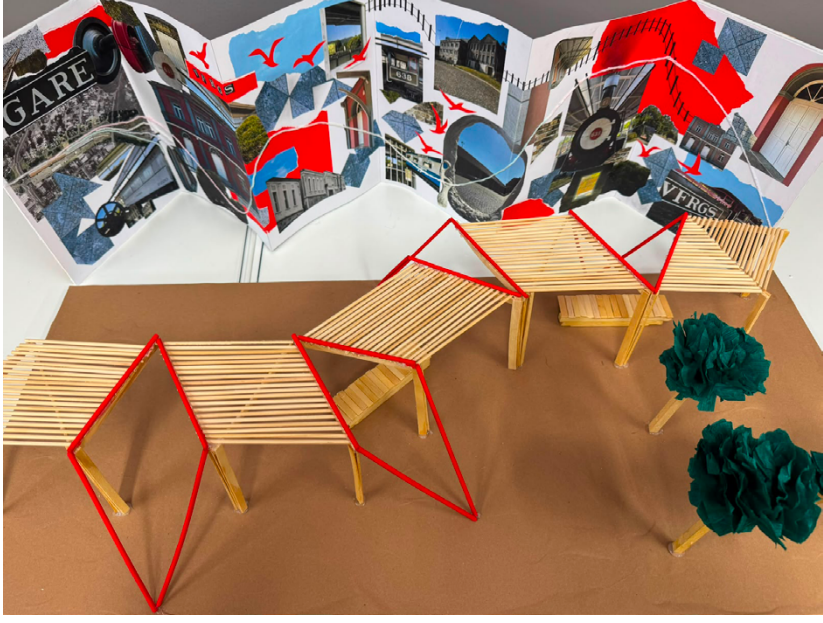




Em segundo momento, reunimos por meio da collage, fotos e imagens que refletiam as percepções sobre lugar, sua materialidade e contexto de uso atual. Compreendemos assim, que a Gare, hoje marcada apenas por usos esporádicos e eventuais, revela em seu entorno o desejo latente de voltar a ser um espaço de permanência e encontro cotidiano. É nesse contexto que a estrutura se configura como uma reinterpretação contemporânea dos fluxos que definiram o lugar. A partir da sobreposição dos traçados dos mapas identificados nas colagens, propõe-se uma cobertura que materializa uma trama de caminhos: ora mais aberta, ora mais densa, acompanhando as diferentes intensidades de uso e permanência. A experiência do percurso orienta o desenho, um caminho com início, meio e fim, onde as percepções se transformam ao longo do trajeto.

Os apoios estruturais, reinterpretados a partir das estruturas metálicas da antiga estação, surgem como elementos que não se alinham rigidamente, mas se deslocam e "dançam" entre si, sustentando uma cobertura orgânica e não linear. Essa configuração reforça a ideia de movimento e continuidade, evocando a memória dos fluxos ferroviários de forma sensível e contemporânea. Na entrada, a estrutura se projeta e se eleva em um gesto de acolhimento, convidando o visitante a adentrar o espaço. No trecho central, a estrutura se adensa, criando áreas de sombra mais intensas, aptas a abrigar exposições e eventos culturais. Ao final, a cobertura se abre novamente, elevando o olhar e emoldurando a paisagem dos morros, reconectando o usuário com o horizonte natural da cidade.

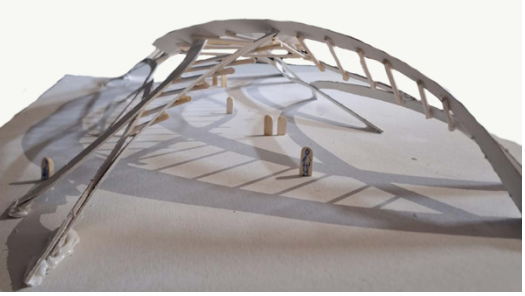
Como estratégia ambiental, a estrutura incorpora vegetação trepadeira que percorre sua estrutura, contribuindo para a mitigação da ilha de calor existente, sem interferir no piso histórico preservado. Assim, a proposta articula memória, paisagem e uso contemporâneo, transformando a Gare em um espaço ativo, cotidiano e sensível, onde os caminhos, antes ferroviários, continuam a se cruzar, agora na experiência das pessoas.

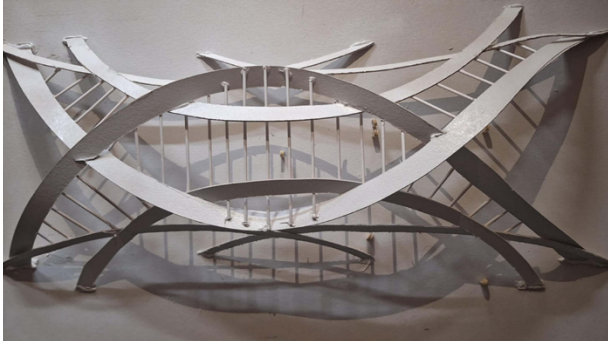


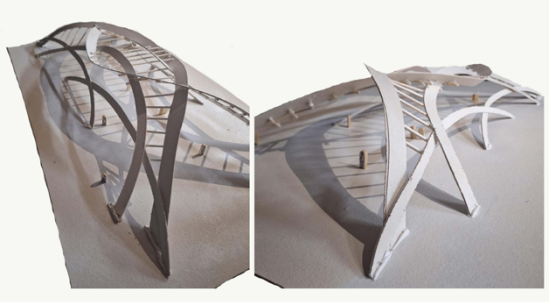
NEXOS: CONEXÕES DA GARE

GRUPO 4: Flávia da Silveira Manganeli, Libia Medeiros Carnelosso e Maiara Dornelles Dias

O leporello constitui o suporte de pesquisa e narrativa do projeto, reunindo, por meio da técnica da colagem, imagens históricas, fotografias da VFRGS, mapas e elementos gráficos inspirados nos trilhos e na identidade visual da estação. Esse material sintetiza a leitura e a interpretação do lugar, servindo como base conceitual para o desenvolvimento da proposta projetual. A maquete física materializa a intervenção proposta, composta por uma cobertura modular e leve em madeira, concebida como um percurso que estimula a permanência, a contemplação e o encontro. Sua estrutura é formada por planos inclinados e interligados, que organizam áreas de circulação, descanso e sombra, possibilitando diferentes formas de apropriação do espaço. Além disso, a cobertura incorpora vazios estrategicamente posicionados para permitir a entrada de luz natural e enquadrar visuais para o céu, a vegetação e as edificações históricas da Gare, fortalecendo a relação entre o usuário e a paisagem. Os elementos estruturais destacados em vermelho foram inspirados na linguagem arquitetônica e na identidade da própria estação, estabelecendo um diálogo entre a intervenção contemporânea e o patrimônio existente. Assim, a proposta buscou reativar o espaço público por meio de uma intervenção discreta, flexível e integrada ao contexto, promovendo novas possibilidades de permanência, convivência e contemplação, sem descaracterizar a identidade histórica da Estação. O projeto valoriza o patrimônio ferroviário ao mesmo tempo em que atribui novos usos e significados ao espaço, reforçando sua importância como lugar de memória e de encontro para a cidade.







TRAÇOS DO TEMPO

GRUPO 5: Anna Laura da Rosa Gomes de Freitas e Lara Paiva da Silva Schmitz

O projeto teve como objetivo remontar ao período de desenvolvimento de Santa Maria, no qual a Estação Gare era um dos característicos pontos da cidade. A estação era ponto de chegada, de encontros, de inovações e progresso, por onde Santa Maria expandiu seus horizontes e construiu a sua identidade.

Durante a primeira etapa desenvolvemos a análise do local e contexto histórico e sociocultural por meio do estudo e elaboração de colagens, com fotos e elementos relacionados, sob as lentes dos traços do tempo; a passagem de gerações, os diferentes usos. Uma mesma Gare, que transita entre ser o palco de celebração santa-mariense e o total abandono e esquecimento em certos períodos.

Durante a segunda etapa, focamos na proposta volumétrica. Sendo a estação um símbolo da cidade, este projeto tem como conceito a Identidade. Nesta proposta, tomou-se o cruzamento de trilhos como base para a plasticidade do pavilhão. Cruzamento que representa encontro, assim, como os trilhos simbolizam a estação, a estrutura materializa o simbolismo da gare para Santa Maria.

Quando dois trilhos se encontram, temos a imagem clássica de um cruzamento; uma vez que a imagem é espelhada, a geometria gerada a partir dela assemelha-se uma cadeia de DNA. Neste momento, a volumetria do projeto transmite a literalidade do conceito, no qual a identidade se torna física.

ENTRECRUZAR; ENTRETECER (ENTRETRILHAR?)

Clarissa de Oliveira Pereira, Cristian Vinicius Machado Fagundes, Liese Basso Vieira

Sobre as considerações finais desta versão do Ateliê Internacional, embora realizados em lugares distintos, os dois ateliês apresentaram algo em comum: o local de atuação em uma área de descompressão vinculada a uma estação de trem.

Por um lado, a Estação de Sants, um lugar movimentado e, ao mesmo tempo, impessoal, configura uma das portas de entrada de Barcelona. Por outro, o Largo da Gare da Estação Férrea de Santa Maria, um espaço à espera de ser ressignificado após um longo período de abandono e uma recente intervenção de restauração da estação.

O Ateliê Conectando Territórios foi organizado com duração de 40 horas e adaptado ao formato híbrido no território da UFN. Além de acompanhar as conferências por videochamada, também foram realizadas visitas ao local para o reconhecimento do lugar e para orientar o olhar sobre esse espaço em suas distintas escalas, texturas e movimentos.

Os produtos propostos seguiram os mesmos critérios de representação do Ateliê Cruzando Fronteiras: a organização de um suporte gráfico em formato de leporello, destinado a estruturar a leitura sobre o lugar. O desenvolvimento do trabalho levou à elaboração de uma maquete de estudos que bem definia uma intervenção efêmera de refúgio climático no Largo da Gare.

O ateliê foi finalizado com a apresentação dos trabalhos dos cinco grupos que acompanharam o workshop a partir do território da UFN, dentro da mesma proposta de investigação e experimentação projetual.



Fotomontagem elaborada por Arthur Canellas, Lisiée Vilanova Nunes, Mateus Belon Cogo

Hemisfério Norte



Fotomontagem elaborada por Clarissa de Oliveira Pereira

Cruzando Fronteiras

RECICLAGEM

Cristopher Tapia Bolados

Esta reciclagem também é social. O projeto propõe uma reciclagem dos usuários, na qual moradores, turistas e pessoas em trânsito deixam de ser concebidos como categorias independentes para compartilhar uma mesma paisagem cotidiana. Em uma cidade onde a mobilidade costuma estar associada à velocidade e o turismo ao conflito, o refúgio surge como uma oportunidade para reconstruir formas de convivência que raramente encontram espaço nas infraestruturas metropolitanas.

A renaturalização do espaço construído constitui o segundo grande eixo conceitual do workshop. Não entendida como a incorporação superficial de vegetação, mas como a recuperação de processos ecológicos capazes de restabelecer vínculos entre clima, matéria, biodiversidade e experiência humana. Nessa perspectiva, a obra de Antoni Gaudí adquire uma atualidade inesperada. Sua arquitetura é estudada não como um repertório formal, mas como uma forma de compreender a natureza a partir da estrutura, da gravidade, do crescimento e da adaptação. Da mesma maneira, o pensamento projetual desenvolvido por Enric Miralles e Benedetta Tagliabue permite compreender a collage como um método de investigação, mais do que como uma técnica de representação: uma ferramenta capaz de sobrepor tempos, escalas, memórias e atmosferas até construir uma leitura complexa do território.

Por isso, o workshop começa caminhando pela cidade. Antes de projetar, os estudantes observam, registram o contexto, analisam percursos, documentam vazios e descobrem aquelas dinâmicas invisíveis que configuram a experiência cotidiana do lugar. Somente depois surge a arquitetura. O projeto aparece como consequência de uma leitura crítica do contexto, e não como a aplicação de uma forma preconcebida.

Os pavilhões reunidos nesta publicação não pretendem oferecer soluções definitivas. São protótipos, hipóteses e ensaios que utilizam a arquitetura efêmera como um laboratório a partir do qual se podem imaginar futuros urbanos mais resilientes, inclusivos e ecologicamente conscientes. Neles, a materialidade, a montagem reversível e a temporalidade deixam de ser decisões exclusivamente técnicas para se converterem em uma posição cultural diante da cidade contemporânea.

Mais do que projetar um pavilhão para Barcelona, RE-FÚGIOS URBANOS propõe utilizar Barcelona como um instrumento para repensar o papel da arquitetura em um tempo marcado pela emergência climática e pela transformação das formas de habitar. Porque o maior desafio de nossas cidades já não consiste apenas em continuar construindo-as, mas em aprender a cuidá-las, renaturalizá-las e voltar a habitá-las a partir de uma escala e de uma perspectiva pós-antropocêntrica.

Fotomontagem elaborada por Clarissa de Oliveira Pereira



COLLAGES, CONVERSAS (E CURIOSIDADES)

Nil Corominas Faja

Para mim, apresentar arquitetura não significa apenas transmitir informações. Seja explicando o Mercado de Santa Caterina durante uma visita, apresentando um projeto para cem pessoas, compartilhando o trabalho do EMBT ou simplesmente conversando com dois amigos, o mais importante não é apenas o que a outra pessoa entende, mas como ela percebe e guarda essa experiência na memória.

A arquitetura pode ser explicada por meio de desenhos, maquetes e dados, mas também da emoção, da curiosidade e do entusiasmo. Por isso, quando preparo uma apresentação, procuro falar sobre aquilo que realmente me desperta interesse: as histórias por trás dos projetos, os detalhes inesperados, as intuições, as contradições e as perguntas que ainda permanecem abertas. Sempre penso no que eu gostaria de ouvir se estivesse do outro lado e, principalmente, no que faria aquela experiência permanecer viva na minha lembrança.

Essa forma de entender a comunicação também esteve presente durante o workshop em Barcelona. Mais do que desenvolver propostas para as conexões urbanas entre a Estação de Sants, o Parque da Espanha Industrial e seu entorno, o objetivo era aprender a observar, experimentar e interpretar a cidade. As collages, as maquetes e as propostas surgiram tanto da análise do lugar quanto das experiências pessoais vividas pelos estudantes durante sua semana em Barcelona.

Também acredito que cada apresentação deve se adaptar a quem está ouvindo. A linguagem, as imagens e os exemplos precisam mudar conforme o público. Gosto de utilizar comparações próximas da realidade, referências atuais, histórias curiosas e, sempre que possível, um pouco de humor. Afinal, a arquitetura é uma disciplina séria, mas aprender e compartilhá-la também pode ser algo leve e prazeroso.

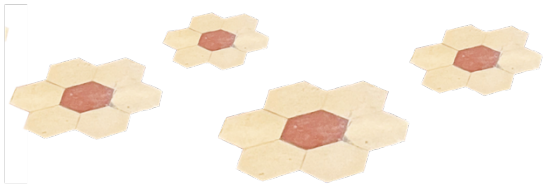
Talvez seja assim que eu entenda o ensino: não como uma transmissão unilateral de conhecimento, mas como uma conversa capaz de despertar a curiosidade, a vontade de descobrir e o desejo de continuar aprendendo muito depois de a apresentação terminar.

"L'originalitat consisteix en tornar a l'origen; així doncs, original és allò que torna a la simplicitat" A.Gaudí

Aquest arbre és el meu mestre, aquest bosc és el meu obrador.



Fotomontagem elaborada por Clarissa de Oliveira Pereira







"Per fer bé les coses cal, en primer lloc, amor i en segon lloc la tècnica"

GAUDÍ E A IN (INTELIGÊNCIA NATURAL)

Clarissa de Oliveira Pereira

A obra de Antoni Gaudí está ancorada em distintos aspectos da natureza. A sua premissa de que "a originalidade consiste em voltar à origem" demonstra o seu interesse em buscar ideias na natureza, compreendendo-a a partir de diferentes perspectivas.

Recordando Quatremère de Quincy, em seu Dictionnaire historique d'architecture, o autor distingue duas maneiras de imitar a arquitetura do passado: uma consiste em reproduzir suas formas tal como são; a outra, em compreender, de fato, as razões e os princípios que estão por trás dessas obras. Para analisar a obra de Gaudí a partir da perspectiva da natureza, parece pertinente considerar essas duas formas de interpretação.

Por um lado, Gaudí recria a natureza por meio do reconhecimento direto de seus elementos, recorrendo a formas mais literais, especialmente nas superfícies e nos elementos ornamentais de sua arquitetura. Por outro, estuda a natureza de maneira mais profunda, procurando compreender suas lógicas e estabelecer analogias relacionadas à estrutura, à geometria e aos próprios processos de formação.

Como forma de participar das atividades relacionadas à efeméride dos 100 anos da morte do arquiteto, a Fundació Enric Miralles incluiu, neste ateliê, duas visitas destinadas a proporcionar uma maior aproximação à obra de Gaudí: a Casa Vicens e a Basílica da Sagrada Família, coincidentemente a primeira e a última grande obra do arquiteto na cidade de Barcelona. Essas atividades foram fundamentais para a compreensão das qualidades espaciais dessas obras, bem como da maneira de projetar de Gaudí, constituindo-se como referências para o desenvolvimento do programa proposto no ateliê.

É importante mencionar que as memórias aqui descritas acontecem entre o período em que a Basílica da Sagrada Família passa a ser a igreja mais alta do mundo, em outubro de 2025, e sua inauguração, em 10 de junho de 2026, data de 100 anos da morte do arquiteto Antoni Gaudí.

A visita à basílica abre os trabalhos do Ateliê Internacional, no dia 9 de fevereiro. Mas este relato será melhor contado começando pela Casa Vicens, uma das primeiras obras de Gaudí em Barcelona.

Fotomontagem elaborada por Clarissa de Oliveira Pereira

VISITA À CASA VICENS E À SAGRADA FAMÍLIA

(relatos de uma visitante insistente, fevereiro de 2026)

A Casa Vicens foi a primeira residência projetada por Antoni Gaudí na área que hoje integra a cidade de Barcelona. Considerada também um de seus primeiros importantes encargos arquitetônicos, a residência está localizada na então Vila de Gràcia, posteriormente incorporada à cidade. A casa foi encomendada, em 1883, por Manel Vicens i Montaner (1836-1895), como residência de veraneio para sua família.

O projeto descreve a fase inicial do arquiteto, ainda definida por referências acadêmicas e historicistas. É importante considerar também o contexto em que a casa foi concebida, em um momento de transição no qual começava a se consolidar, na Catalunha, o movimento artístico e arquitetônico posteriormente conhecido como Modernismo Catalão. Nesse cenário, a Casa Vicens revela tanto a permanência de referências anteriores quanto os primeiros indícios de uma linguagem própria que Gaudí desenvolveria de maneira cada vez mais singular ao longo de sua trajetória.

Fotomontagem elaborada por Clarissa de Oliveira Pereira



O modo como Gaudí traz a natureza para o projeto começa na relação com a luz: a implantação da edificação no terreno busca o máximo aproveitamento do sol, tendo originalmente um grande jardim voltado ao poente.

Nessa mesma fachada, o arquiteto desenvolve um sistema de sombreamento bastante original para a época: painéis móveis de madeira com padrões geométricos, também chamados de gelosies. Esse sistema filtra o sol crítico dessas latitudes durante o verão e permite a sua entrada durante os meses de inverno.

Nesta obra, Gaudí traz a natureza de forma literal para os seus interiores, por meio das texturas e das representações pictóricas das superfícies. A ideia era trazer o jardim da casa de veraneio para dentro. A apropriação, a justaposição e a reordenação de elementos, como folhas e flores, lembram a ideia de fragmentação e recomposição que bem define as técnicas de collage de Enric Miralles.

O controle do microclima também busca referências na arquitetura vernácula do Mediterrâneo. A fonte, localizada na fachada do jardim, traz outra forma encontrada pelo arquiteto para incorporar a natureza: uma estrutura metálica em forma de teia de aranha conduz a água diante da luz do sol poente, decompondo-a em um arco-íris.

Na Basílica da Sagrada Família, a natureza também aparece justaposta à narrativa do nascimento e da paixão de Cristo. A natureza, esculpida em pedra - e, às vezes, envolta por trencadís -, aparece de forma literal e sintetizada nessa obra.



Gaudí abstrai as geometrias da natureza e as incorpora à sua obra também como recurso para a modelagem da forma.

Nos interiores, essas definições tornam-se ainda mais evidentes. A nave principal mais parece um bosque de pilares ramificados que sustentam um teto de "abóbadas hiperbólicas" bastante originais. As lições de geometria descritiva, tão difíceis de encontrar sentido nos primeiros anos de qualquer curso de Arquitetura, seriam muito mais fáceis se explicadas por meio da geometria gaudiniana.

Os vitrais da fachada do Nascimento evidenciam a luz da manhã, assim como os da fachada da Paixão reforçam a luz do poente. Os interiores mudam ao longo do ano e ao longo do dia. Gaudí se aproxima da natureza para compreender e interpretar suas formas, suas funções e seus fenômenos.

Em outubro de 2025, a Basílica torna-se a igreja mais alta do mundo e é inaugurada em 10 de junho de 2026, 100 anos após a morte do arquiteto. A altura de 172,5 metros foi definida para ser ligeiramente inferior à da montanha de Montjuïc, ponto mais alto de Barcelona. Essa decisão foi uma das formas encontradas pelo arquiteto para reverenciar a natureza e esta cidade, tão definida por ele.

(QUATREMÈRE DE QUINCY, 1832, tome I, p. 48)

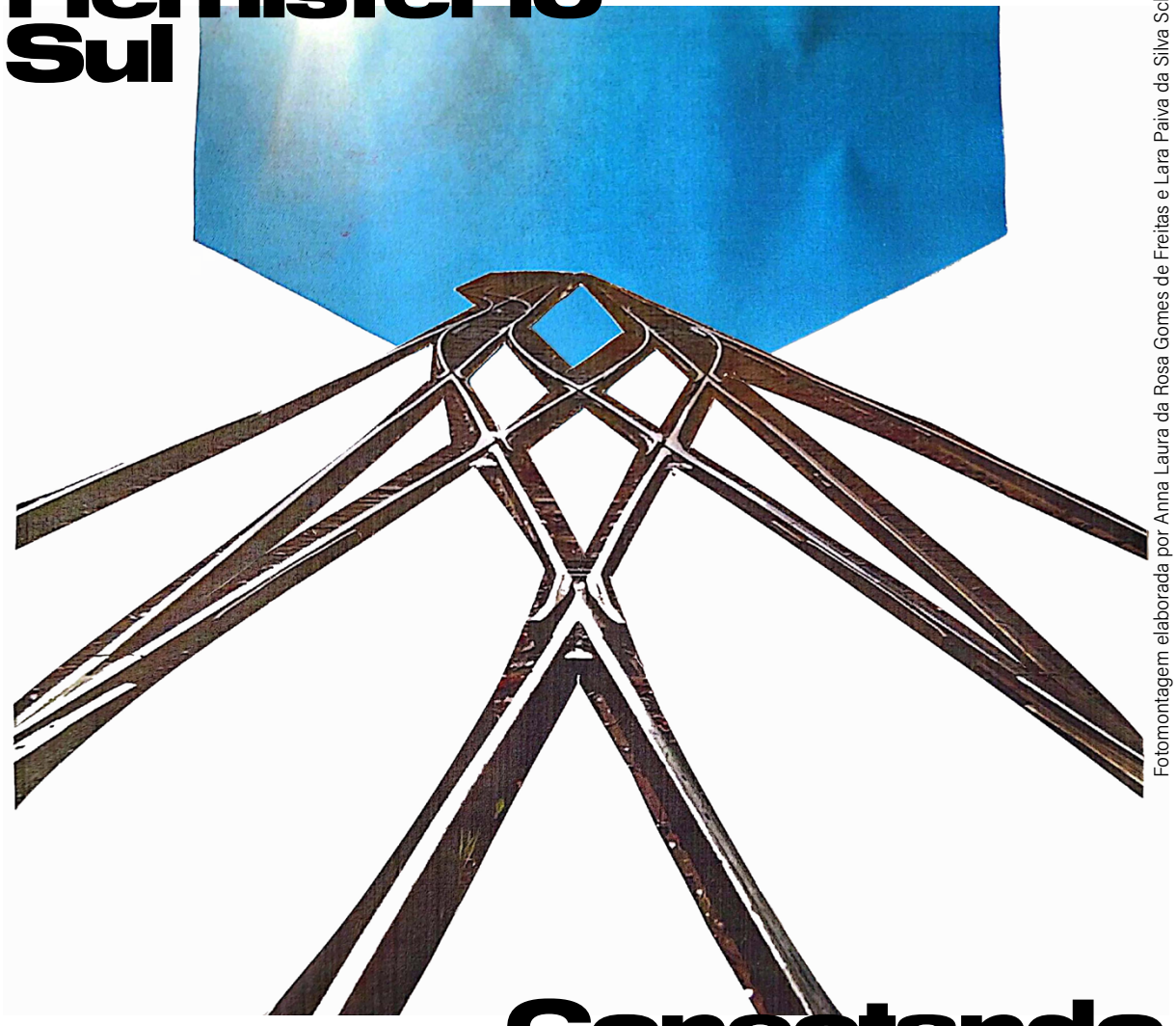


A Gaudí: "L'originalitat consisteix en tornar a l'origen; així doncs, original és allò que torna a la simplicitat. Per fer bé les coses cal, en primer lloc amor i, en segon lloc, la tècnica"

Aquest arbre proper al meu obrador, aquest és el meu mestre!

Fotomontagem elaborada por Clarissa de Oliveira Pereira

Hemisfério Sul



Fotomontagem elaborada por Anna Laura da Rosa Gomes de Freitas e Lara Paiva da Silva Schmitz

Conectando Territórios

CONSTRUÇÃO COLETIVA

Adriano da Silva Falcão

As atividades envolveram palestras compartilhadas e bilíngues, encontros com arquitetos e profissionais externos, visitas técnicas, percursos urbanos e reconhecimento dos locais de intervenção. Também foram abordados a obra e os processos criativos do escritório EMBT, a metodologia da collage e o emprego de diferentes materialidades na arquitetura. Em Santa Maria, o Distrito Criativo Centro-Gare constituiu o território central de observação e experimentação. A partir da leitura dos lugares selecionados em cada Ateliê, os estudantes produziram registros fotográficos e gráficos, collages bidimensionais e tridimensionais, modelos físicos e propostas projetuais voltadas à criação de novos usos e relações no espaço público.

As fotografias reunidas ao longo das duas experiências revelam processos marcados pela intensidade, pela experimentação e pela descoberta. Elas registram os primeiros contatos com os lugares, as conversas entre os grupos, os momentos de assessoramento, as investigações de diferentes materiais e a evolução das ideias até as apresentações finais. Mais do que documentar produtos concluídos, as imagens ajudam a compreender o projeto como uma construção coletiva, constituída por aproximações, dúvidas, escolhas e reformulações.

A realização de uma segunda edição confirmou as possibilidades abertas pela experiência iniciada em 2024. Para professores e estudantes, os Ateliês demonstraram que a internacionalização pode assumir formas híbridas, colaborativas e mais acessíveis, alcançando também aqueles que não puderam participar presencialmente das atividades no exterior. Ao aproximar Santa Maria e Barcelona, as duas experiências ampliaram repertórios e permitiram compartilhar diferentes maneiras de observar, ensinar, aprender e projetar, apontando caminhos para a continuidade e o aprofundamento dessas conexões acadêmicas.



Fotomontagem elaborada por: Anna Laura da Rosa Gomes de Freitas e Lara Paiva da Silva Schmitz

O LUGAR DA GARE

Liese Basso Vieira

A história da Gare da Viação Férrea de Santa Maria está intimamente relacionada ao processo de expansão da infraestrutura ferroviária brasileira no final do século XIX e à consolidação da cidade como um dos principais entroncamentos ferroviários do Rio Grande do Sul. A chegada da ferrovia a Santa Maria, em 15 de outubro de 1884, representou um marco decisivo para o desenvolvimento urbano, econômico e social do município. A implantação da linha férrea inseriu a cidade em uma ampla rede de circulação regional e nacional, promovendo maior integração territorial e facilitando o transporte de passageiros e produtos.

A inauguração da estação ferroviária, em 13 de outubro de 1895, consolidou esse processo, conferindo à cidade uma infraestrutura capaz de atender ao crescente fluxo de pessoas e mercadorias. Poucos anos depois, em 1897, a concessão da ferrovia à Compagnie Auxiliaire de Chemins de Fer au Brésil, empresa de capital belga, marcou uma nova etapa de investimentos na ferrovia gaúcha. A instalação da companhia em Santa Maria reforçou o papel estratégico do município, que passou a concentrar atividades administrativas, operacionais e de manutenção da malha ferroviária, tornando-se um dos mais importantes entroncamentos ferroviários do estado.

A presença da ferrovia provocou profundas transformações na estrutura urbana de Santa Maria. O intenso movimento de pessoas e mercadorias impulsionou o crescimento populacional e o desenvolvimento econômico, estimulando a expansão da cidade para além do núcleo original. Nesse contexto, a Avenida Rio Branco consolidou-se como o principal eixo de articulação urbana, conectando a estação ao centro da cidade e favorecendo a implantação de estabelecimentos comerciais, serviços e equipamentos urbanos. Paralelamente, novos bairros passaram a se desenvolver nas proximidades da ferrovia, configurando uma nova dinâmica de ocupação do território.

Um dos marcos desse processo foi a implantação, em 1907, da Vila Belga, conjunto habitacional construído para abrigar trabalhadores ligados à construção e à operação da ferrovia. Além de representar uma importante iniciativa de habitação operária, a Vila Belga contribuiu para a consolidação do tecido urbano no entorno da estação ferroviária, fortalecendo a relação entre infraestrutura de transporte, moradia e desenvolvimento urbano.

O complexo ferroviário também passou por sucessivas ampliações ao longo do século XX. Em sua configuração inicial, era composto apenas pela estação, formada por um edifício principal de dois pavimentos e um anexo térreo localizado a leste. Com o aumento da demanda pelo transporte ferroviário, especialmente durante as primeiras décadas do século XX, novas edificações foram incorporadas ao conjunto. Na década de 1920 foram construídos os pavilhões de apoio e a ampla plataforma coberta destinada ao embarque e desembarque de passageiros, configurando o conjunto arquitetônico que, em grande parte, permanece preservado até os dias atuais.

Apesar desse cenário, o reconhecimento da relevância histórica, arquitetônica e cultural da Gare resultou em sua proteção pelos órgãos de preservação patrimonial. O conjunto foi tombado em âmbito municipal, em 24 de agosto de 2000, posteriormente em nível estadual, em 26 de outubro de 2000, e, finalmente, recebeu o tombamento federal pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2014, consolidando sua importância como um dos mais significativos patrimônios ferroviários do Brasil.

Nas últimas décadas, intensificaram-se as discussões sobre a revitalização do complexo ferroviário, reconhecendo seu potencial como elemento estruturador da requalificação urbana da região central de Santa Maria. Mais do que preservar edificações históricas, a proposta de intervenção busca promover a adaptação do conjunto a novos usos compatíveis com as demandas contemporâneas, conciliando conservação patrimonial, dinamização econômica e valorização da memória coletiva.

Sob a perspectiva da preservação integrada, entende-se que a revitalização deve considerar não apenas os edifícios, mas também os objetos ferroviários remanescentes, os espaços livres, a paisagem urbana e as relações históricas estabelecidas entre a estação e a cidade. Dessa forma, o conjunto pode transformar-se em um importante polo cultural, turístico e econômico, contribuindo para fortalecer a identidade local e ampliar a apropriação do patrimônio pela população.

A Gare da Viação Férrea de Santa Maria transcende sua função original como infraestrutura de transporte para afirmar-se como um patrimônio de elevado valor histórico, arquitetônico e urbano. Sua trajetória sintetiza o papel da ferrovia na formação da cidade, evidencia os impactos da desestruturação do sistema ferroviário nacional e aponta para a revitalização patrimonial como estratégia de preservação da memória, qualificação do espaço urbano e promoção do desenvolvimento cultural e econômico.



Fotomontagem elaborada por Anna Laura Gomes de Freitas e Lara Paiva da Silva Schmitz

Fotomontagem elaborada por Anna Laura Gomes de Freitas e Lara Paiva da Silva Schmitz

ANOTAÇÕES SOBRE O USO DA COLLAGE NA ARQUITETURA (SEM ÓCULOS)

Anelis Rolão Flôres

A partir do convite para introduzir a técnica da collage 2 na arquitetura à disciplina eletiva do curso de Arquitetura e Urbanismo, alinhada ao Ateliê Internacional que estava ocorrendo em Barcelona, organizei imagens e as minhas ideias "como quem faz uma collage", com recortes e fragmentos que foram manipulados, rasgados, colados e descolados em uma apresentação, em uma collage. Na ocasião, compus esta partilha como uma roda de conversa e a denominei "Origens e desdobramento da Collage na construção da arquitetura de Enric Miralles". Utilizei como base para esta collage a minha tese "A construção da arquitetura de Enric Miralles por meio da collage" (2019) e a experiência como professora convidada nos workshops em Barcelona. Primeiramente, ponderei que como técnica oriunda das artes visuais, a collage revela-se uma aliada da arquitetura e da prática projetual. Trata-se de um gesto complexo que atribui múltiplos sentidos às imagens e resíduos manipulados, transformando-os em uma "imagem ativa": uma linguagem poética e simbólica que não pode ser reduzida ao pensamento racional tradicional. A collage como ferramenta da produção da arquitetura, ainda, concede liberdade e autoconfiança aos estudantes para explorarem as questões formais e auxilia na construção de conceitos consistentes, evitando o embasamento frágil comum a outros parâmetros. Assim, consolida-se como uma ferramenta alternativa, ilimitada e sem restrições em todas as etapas e escalas do projeto. Dentro deste contexto, apresentei um histórico, uma espécie de linha do tempo artesanal, com a premissa de Fuão (2011, p.34) que "Recortar significa rejeição, aceitação e processo de escolha. É o corte que permite a liberação dos fragmentos das figuras e dos corpos. É a abertura que denuncia, fala, provoca o riso na collage",

para tanto escolhi iniciar com recortes das fotografias compostas, de Reijander, Henri Robinson e Desideri, para depois acrescentar os papier colles cubistas, as sobreposições dadaístas e as experimentações surrealistas, chegando nos fragmentos arquitetônicos de Mies Van der Rohe, Le Corbusier, Archigram, Aldo Rossi e finalmente Lina Bo Bardi… o recorte preciso.

Depois vieram as ferramentas e "Por onde começar ?", apresentei para o grupo a tesoura e a cola por meio de imagens com sobreposições acumuladas, duas imagens sobrepostas gerando novos sentidos, a supressão da inimage , a violência da décollage , o entrelaçamento da rollage e as panorâmicas de David Hockney que tanto marcaram o trabalho de Enric Miralles. A cola que uniu estas peças foi a trajetória dos arquitetos Enric Miralles e Benedetta Tagliabue, que tornaram a metodologia da collage a estrutura, a espinha dorsal destas disciplinas do curso da Universidade Franciscana, e que a utilizam desde os anos de 1990 nos seus próprios projetos. Ressaltei que a metodologia projetual permaneceu após a morte prematura de Enric Miralles aos 45 anos, em 2000, e evoluiu pela condução de Benedetta Tagliabue consolidando a sua eficácia em vários projetos contemporâneos internacionais, como por exemplo o Parlamento Escocês (1997-2004), Estação de metrô Clichy- Montfermeil (2014), Platz Strandhöft (2022), Renovação da Praça do Século na Rua East Nanjing (2024), entre tantos. Enfim, terminei colando todos os fragmentos em uma reflexão sobre o ensino da arquitetura, sobre o uso da collage que permeia todas as fases do aprendizado, retornando ao final do semestre, ou do processo, para reforçar a relevância das descobertas feitas ao longo do caminho. Uma reflexão que ultrapassa a sala de aula e alcança os escritórios de arquitetura contemporâneos, pois longe de ser apenas um recurso para a mera produção de "imagens finais", a collage figura como um mecanismo criativo e estimulante sobre todo o processo de projeto, mantendo viva a herança poética que transita pelas primeiras fotografias compostas, pelos surrealistas, pelos pioneiros da arquitetura e pela vida de Miralles e Tagliabue. Shields (2017), ressalta que a collage não apenas é um instrumento de processo, mas o próprio projeto, revelando um conjunto de precedentes que redefiniram a técnica como um meio de transformação e reinterpretação de experiências, resultando em múltiplos modos de conceber a arquitetura. Portanto, a trajetória do uso da collage na arquitetura é marcada pela manipulação contínua de imagens e símbolos, dentro de um intenso processo estético em que ideias surgem a partir de outras, formando uma constelação de símbolos em um universo próprio. Por essa razão, torna-se impossível desvincular o resultado das obras construídas das imagens conceituais criadas nas primeiras composições. Afinal, no momento em que fazemos uma collage, as ideias contidas na constelação, no universo das imagens, fogem, voam e retornam, sempre renovadas.

Fotomontagem elaborada por AAmanda Figueiredo dos Santos, Carla Miranda de Pietro e Júlia de Bastos Záchia

Fotomontagem elaborada por Clarissa de Oliveira Pereira

REFERÊNCIAS

FLÔRES, Anelis Rolão. **A construção da arquitetura de Enric Miralles por meio da collage**. 2019. Tese (Doutorado) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

FUÃO, Fernando Freitas. **A collage como trajetória amorosa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

GILABERT SANZ, Salvador. **Enric Miralles**: el dibujo de la imaginación. 2015. Tese (Doutorado) - Universitat Politècnica de València, València, 2015.

MIRALLES, Enric. **Cosas vistas a izquierda y a derecha (sin gafas)**. 1987. Tese (Doutorado) - Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona, Universitat Politècnica de Catalunya, Barcelona, 1987.

PEREIRA, Clarissa de Oliveira; FALCÃO, Adriano; VIEIRA, Liese Basso; FLÔRES, Anelis Rolão; FAGUNDES, Cristian Vinicius Machado Fagundes. Collage y arquitectura: la experiencia del taller internacional entre la Fundació Enric Miralles y la arquitectura y urbanismo UFN. **Architectonics: Mind, Land & Society**, [S. l.], n. 37, p. 69-77, 2026.

PEREIRA, Clarissa de Oliveira; QUERUZ, Francisco (org.). **Maggie's Centres**: III Workshop de Arquitetura FEM/EMBT e Arquitetura e Urbanismo UFN. Santa Maria: Universidade Franciscana, 2022. 88 p. (Coleção Collage de Culturas, v. 2).

PEREIRA, Clarissa de Oliveira; VIEIRA, Liese Basso. **Arquitetura efêmera no centro histórico de Barcelona**: I Workshop de Arquitetura FEM/EMBT e Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Franciscano. Santa Maria: Editora UFN, 2016. v. 1. (Coleção Collage de Culturas).

SHIELDS, Jennifer. **Collage and architecture**. [S. l.]: Taylor & Francis, 2014.



editora.ufn.edu.br

TIPOGRAFIA
Acumin | Druk






editora
UFN


UFN


UFN
Universidade
Franciscana